REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro

Mademoiselle Chanel

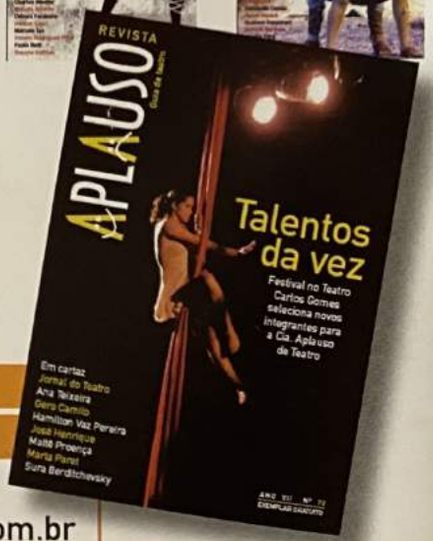
Marília Pêra vive o maior ícone da moda de todos os tempos

Em cartaz
Jornal do Teatro
Cininha de Paula
Fernando Ceylão
Gilberto Gawronksi
Julia Lemmertz
Luiz Fernando Lobo
Nélida Piñon
Tuca Moraes

ANO VII Nº 77
EXEMPLAR GRATUITO

olecione os últimos 7 anos de teatro

Assine Aplauso!



Assinatura semestral R$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2239-1163

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Coleção completa de Aplauso por R$ [illegible] Edições de 1 a 76

O Teatro Arena é aqui!

"Palco, poltronas, refletores, cenários, figurinos, mesa de som e de luz. Todo o acervo, tudo que tinha dentro do Teatro Arena foi doado para o Galpão Aplauso Rio. E já que um teatro estava sendo fechado, achamos que era a nossa obrigação, como cidadãos ligados à cultura, abrir um novo espaço, mas com um diferencial.

Um novo espaço para dar oportunidade para outras ONGs e companhias que têm as mesmas condições da *Companhia Aplauso de Teatro*: jovens atores de baixa renda, que não podem locar outros espaços, com cobrança de custos mínimos, que são muito caros. É uma oportunidade de inclusão no mercado de trabalho, mostrando o trabalho deles dentro da realidade do Teatro. Queremos também abrir um intercâmbio entre o Rio e São Paulo, para que as produções feitas por instituições de inclusão social falem por um Brasil.

Para não perder as características do Teatro Arena – onde, na década de 70, se vislumbrava, através da boca de atores e do teatro, a política da época – nós vamos estrear com *Bailei na Curva*, do Júlio Conte, que faz um trajeto dos jovens da década de 60 até as Diretas Já. E em prol da importância política que o Teatro Arena tinha – numa época em que muitas peças eram proibidas – estamos transformando o texto num musical, com músicas do Chico Buarque, principalmente as que foram proibidas, como as canções de *Calabar*. A previsão de estréia é para outubro, logo após as eleições.

Estamos estudando sobre aquela época, com os meninos, para que eles tenham noção sobre o golpe militar, a revolução, a volta da democracia, os direitos humanos. Não é para fazer a cabeça deles, mas para indicar caminhos e dar subsídios para que tenham a própria opinião e batalhem por suas idéias."

Cininha de Paula, setembro de 2006

Thriller australiano

Línguas Estranhas aporta no Espaço Sesc Copacabana no início de setembro, trazendo pela primeira vez ao Brasil um texto do australiano Andrew Bovell, considerado um dos renovadores da dramaturgia contemporânea. Com montagens em Londres e Nova Iorque, a peça também foi adaptada para o cinema. Por aqui, Bruce Gomlevsky e Daniela Pereira de Carvalho comandam a direção do *thriller* psicológico que une duas histórias numa teia de coincidências.

Caleidoscópio

Mulheres à beira de um ataque de lirismo e bom-humor. Assim é o espetáculo *Eu nunca disse que prestava*, que parte de crônicas e contos de Adriana Falcão e Luciana Pessanha para fazer um passeio pelo universo feminino. Divagações, confissões e reflexões são costurados em pequenas histórias, abordando temas como vida afetiva e carreira. O roteiro e a direção são de Rodrigo Penna, que estréia na segunda função. Em cartaz no Teatro Maria Clara Machado.

Modernismo

O diretor Jefferson Miranda procurava um espaço não convencional para seu espetáculo *O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo*. O salão do 3º andar da Escola de Cinema Darcy Ribeiro, no centro da cidade, foi o escolhido. E é lá que se passa a ação dramática da adaptação da obra homônima de Oswald de Andrade, contando a intensa e trágica história de amor entre o escritor modernista e a normalista Maria de Lourdes, interpretada pela atriz Luiza Mariani.

Lavando a alma

Lavagem de dinheiro, mensalões e semelhantes... Isso lembra alguma coisa? É nesse ambiente de falcatruas que se passa a comédia *Lavanderia Brasil*, em cartaz no Teatro dos Grandes Atores. Escrita por Miguel Paiva e Zé Rodrix, a montagem tem Moacir Chaves na direção. A trama: um casal afunda-se em dificuldades financeiras devido à incompetência do marido para se dar bem com as oportunidades de fraudes que passaram pelo seu caminho...

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Coordenadora de produção: Dani Albuquerque. Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica. Capa: Jairo Goldflus / divulgação

Fernando Ceylão

A dona-de-casa e o cinema

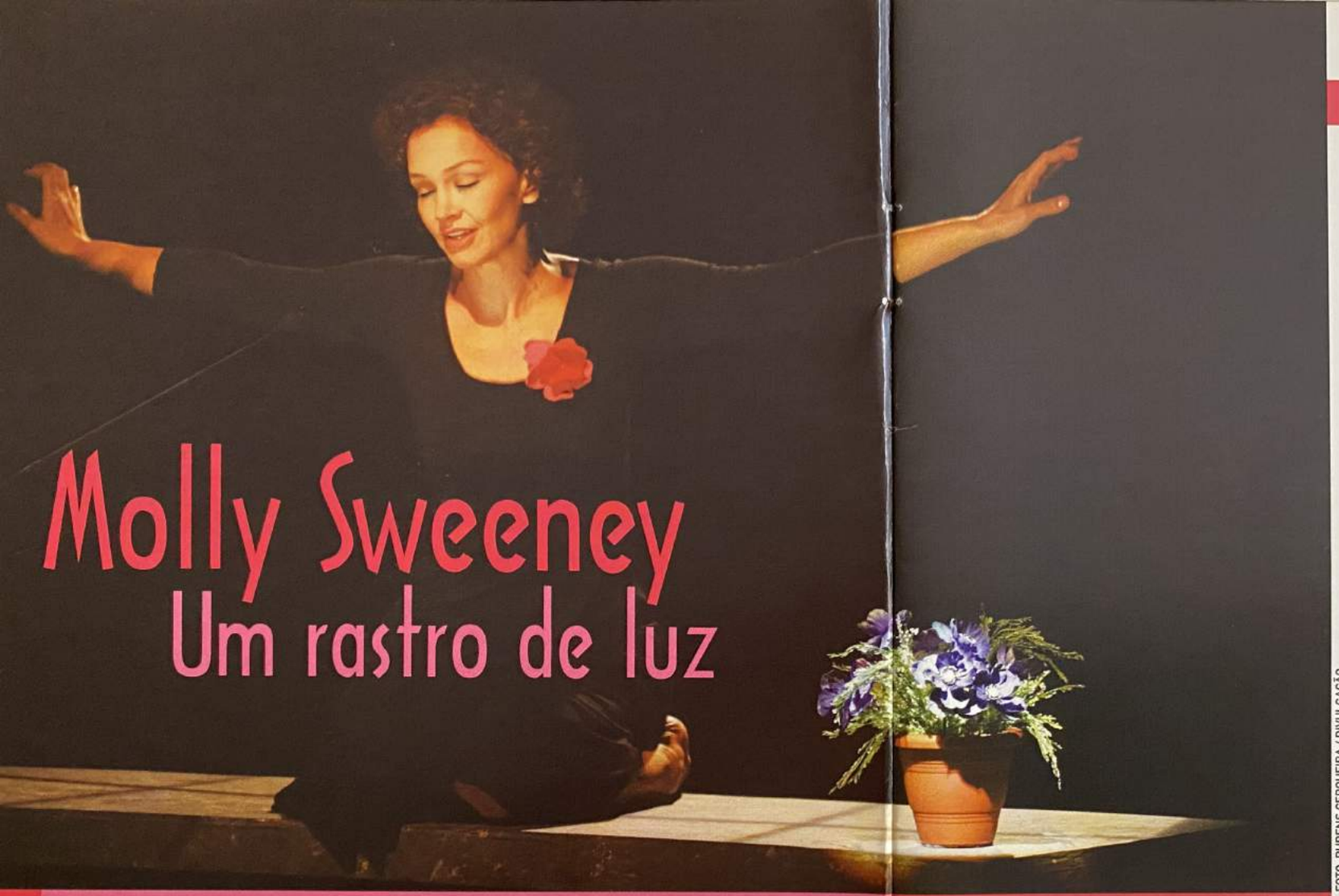
ZÉ MARIA PALMIERI / DIVULGAÇÃO

Fernando Ceylão é autor, diretor e ator

Claro que pequeno eu queria fazer cinema. Havia assistido *E.T.*, *Indiana Jones*, *De Volta para o Futuro* e *A Malvada*, *Quanto Mais Quente Melhor* e *Amacord*. Abria o *Hitchcock / Truffaut* em qualquer página e ficava olhando, mesmo quando não estava com vontade de ler. Mas cinema era algo inatingível e nem vamos falar de questões políticas, pois são apenas 1.700 caracteres encomendados pela revista que está em suas mãos e só para escrever "caracteres" eu já usei 10.

Mas. Então. Em meio a sonhos de "corta para" e *travellings* e fusões, fui assistir *A Macaca*, com o Pedro Cardoso e o Felipe Pinheiro. Eu tinha 13 anos e também gostava de *punk rock*, e aquilo era *punk*, *punk* no sentido "faça você mesmo" e ficou claro que com o que eu tinha em casa era possível montar um espetáculo, pois Teatro pode ser feito até aqui do meu lado, neste escritório pequeno. Enquanto escrevo este texto alguém poderia estar ali perto da estante realizando uma cena tranqüilamente. Ou tensamente.

Quando ainda pequeno cinéfilo, eu via o documentário sobre as filmagens de *Apocalipse Now* – feito pela mulher do Francis Ford, a mãe da Sofia, Eleanor. Perto do final, ele diz que o cinema só será realmente arte quando a tecnologia permitir que até a dona-de-casa possa fazer um filme. E a soma dessas noções foi definitiva na minha escolha de vida. Assim aprendi a amar e querer fazer teatro – e ainda entendi que todas as idéias nascidas para serem audiovisual podem ser traduzidas para cena teatral. O teatro pode canalizar todas as artes e todas as idéias. Qualquer um diante de um palco pode senti-las, seja o *punk* que quer fazer um clipe ou a dona-de-casa que nem tem paciência para filmes."



Molly Sweeney
Um rastro de luz

FOTO: RUBENS CERQUEIRA / DIVULGAÇÃO

Depois de uma entressafra, Julia Lemmertz retorna aos palcos sob a batuta do diretor Celso Nunes

Por Simone Melamed

Num mundo cercado de estímulos visuais por todos os lados, uma mulher aprendeu a ver sem usar os olhos, enxergando o entorno com seus outros sentidos até recobrar a visão. E para que mais pessoas conhecessem a sua história, foi preciso que uma outra mulher aceitasse o convite para interpretá-la nos palcos. Assim, depois de cinco anos sem fazer teatro – período em que trabalhou em outros veículos e cuidou da família – a atriz Julia Lemmertz está de volta ao palco para dar vida à personagem central da peça *Molly Sweeney – Um rastro de Luz*, que estréia no dia 6 de setembro, no Centro Cultural Banco do Brasil.

"Fazer este espetáculo é um tremendo exercício de concentração, de memória – nunca decorei tanto! – de abstrair as imagens e alojar no corpo as sensações, além de ficar muito conectada com os sons. A percepção do mundo vai mudando, na medida em que você escuta mais, se escuta mais", observa Julia. "Molly é uma mulher apegada à vida e, apesar de reconhecer as suas limitações, se vira com o que foi destinado a ela. Mesmo quando tudo vira do avesso, ela dá um jeito de achar um lugar possível para viver. Tudo isto com muita lucidez".

Baseada num fato verídico – relatado no livro *Um Antropologista em Marte, do* neurologista *Oliver Sacks* – a história gira em torno de Molly Sweeney, uma mulher cega desde os primeiros meses de vida, mas totalmente adaptada e feliz com a sua condição. Um dia, seu marido sonhador encontra um oftalmologista (Ednei Giovenazzi) que pode restituir a sua visão e, de quebra, a própria fama perdida, depois que ele se entregou ao alcoolismo. Impulsionada pelo marido (Orã Figueiredo), ela acaba decidindo fazer uma audaciosa cirurgia que lhe devolverá a visão, mas a visão de um mundo que ela só conhecia através das sensações e da sua imaginação.

"Esse autor (Brian Friel) é um humanista, no sentido de retratar o ser humano com seus defeitos e acertos, sem julgá-los, o que, às vezes, é desconcertante e cruel. A peça fala de boas intenções que não deram certo, do quanto ver, às vezes, não é necessariamente compreender. Ela discute, nas entrelinhas, a ética médica. São três pessoas dando o seu depoimento sobre um acontecimento, três pontos de vista diferentes e complementares, que se completam com o entendimento de cada pessoa", diz a atriz. >>

O Círculo de giz caucasiano

O Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil também está com a programação renovada. Diretamente de São Paulo, a *Companhia do Latão* acaba de chegar para ocupar o espaço, fazendo uma reverência aos 50 anos de morte de Bertold Brecht. Conhecida por sua identificação com a obra do dramaturgo alemão, a trupe, dirigida por Sérgio de Carvalho, aposta, desta vez, no texto *O círculo de giz caucasiano*, com versão de ninguém menos que o poeta Manuel Bandeira.

"É talvez a peça mais épica de Brecht e, ao mesmo tempo, é aquela em que ele apresenta uma espécie de confiança e otimismo, de que é possível transformar a realidade. Escolhi este texto por ser um clássico, e também por discutir a questão da terra. Acho o momento perfeito para essa encenação", observa o diretor.

Onze atores e dois músicos estão em cena – além da participação, em vídeo, do grupo *Filhos da Mãe Terra*, formado por crianças e adolescentes do Movimento dos Sem Terra (MST) – para, em três episódios, narrar a disputa da posse de um vale fértil. De um lado, criadores de cabra. Do outro, um grupo de agricultores que defendeu a terra dos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial. Para resolver a peleja, eles recorrem a um bardo local, que lhes conta uma fábula – a história do círculo de giz caucasiano.

FOTO: MATHEUS ROCHA / DIVULGAÇÃO

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Curtas

"Aí está uma oportunidade de ver uma das grandes comediantes novas deste país: a Samantha Schmutz. Ela é garantia de riso durante e depois do espetáculo. Os tipos que ela faz, brilhantemente bem, não saem da cabeça. A bichinha é danada!"

Lúcio Mauro Filho, ator

Minha mãe é uma peça

"Imperdível! O Paulo Gustavo dá um show! A peça é ágil, tem um texto muito bem dirigido e é de fácil identificação com o público. Ou seja, não dá para não ver a figura da 'mãe' ali. Um deleite para o espectador que está a fim de dar boas gargalhadas".

Heloísa Perissé, atriz

Cruzes, festa surpresa

"O Carlos Artur Thiré está cada vez mais se firmando como autor e diretor, e este trabalho é muito bacana. O elenco também está maravilhoso. Diversão pura!"

Leandro Hassum, ator

O auto-falante

"Extremamente inteligente, Pedro Cardoso é um ator raro, com possibilidades narrativas dramáticas que não se encontra a qualquer hora. E nesta peça conta ainda com a excelente supervisão de Amir Haddad. Não dá para perder."

Elisa Lucinda, atriz

OPERAÇÃO ABAFA

Jandira Martini e Marcos Caruso em comédia sobre corrupção e impunidade. A direção é de Elias Andreato

Um é prolixo. A outra, sucinta. Ela é calma e objetiva, enquanto ele, exacerbado, é o oposto, "um prato cheio pro analista", como se autodefine. A princípio, Jandira Martini e Marcos Caruso podem não ser, exatamente, aquelas almas gêmeas que se costuma ver no cinema, mas na vida real têm uma parceria que daria um belo filme. Ou melhor, uma bela peça. E é exatamente para comemorar 20 anos de comunhão profissional que eles estréiam seu quinto texto em conjunto: *Operação Abafa*, em cartaz no Teatro Leblon.

"Nós não escrevemos por encomenda, mas sempre a respeito daquilo que gostaríamos de dizer, em termos políticos. Usamos o teatro como um desabafo, colocando o dedo nas feridas políticas e sociais. O que nos une é o humor. Nós rimos das mesmas coisas, mas não somos engraçados. Nós vemos a vida com a mesma ótica e isto facilita muito. Ela me põe no prumo e eu dou urgência a ela", comenta Caruso, que, juntamente com a parceira, escreveu e montou as peças *Sua Excelência o Candidato*, *Quem Matou Amèlie de Port Salut?*, *Porca Miséria* e *Os Reis do Improviso*.

Atualidade

Concebido em 2001 – numa época em que as manchetes de jornal alardeavam sobre uma possível compra de votos, no Congresso, durante o governo Fernando Henrique Cardoso – o texto, cinco anos depois, anda mais atual do que nunca, ao abordar questões como a falta de ética e a corrupção que toma conta do cenário político nacional.

"A peça não cita nomes de políticos, partidos ou esquemas eleitoreiros. Fala da corrupção em geral, que parece fazer parte da cultura brasileira. Ela questiona até onde você consegue resistir sendo honesto, até onde você suporta sem se vender. Colocamos no papel o que temos vontade de dizer como cidadãos. Se a realidade se encaixa na peça, o erro está na realidade", analisa Jandira.

Dilema

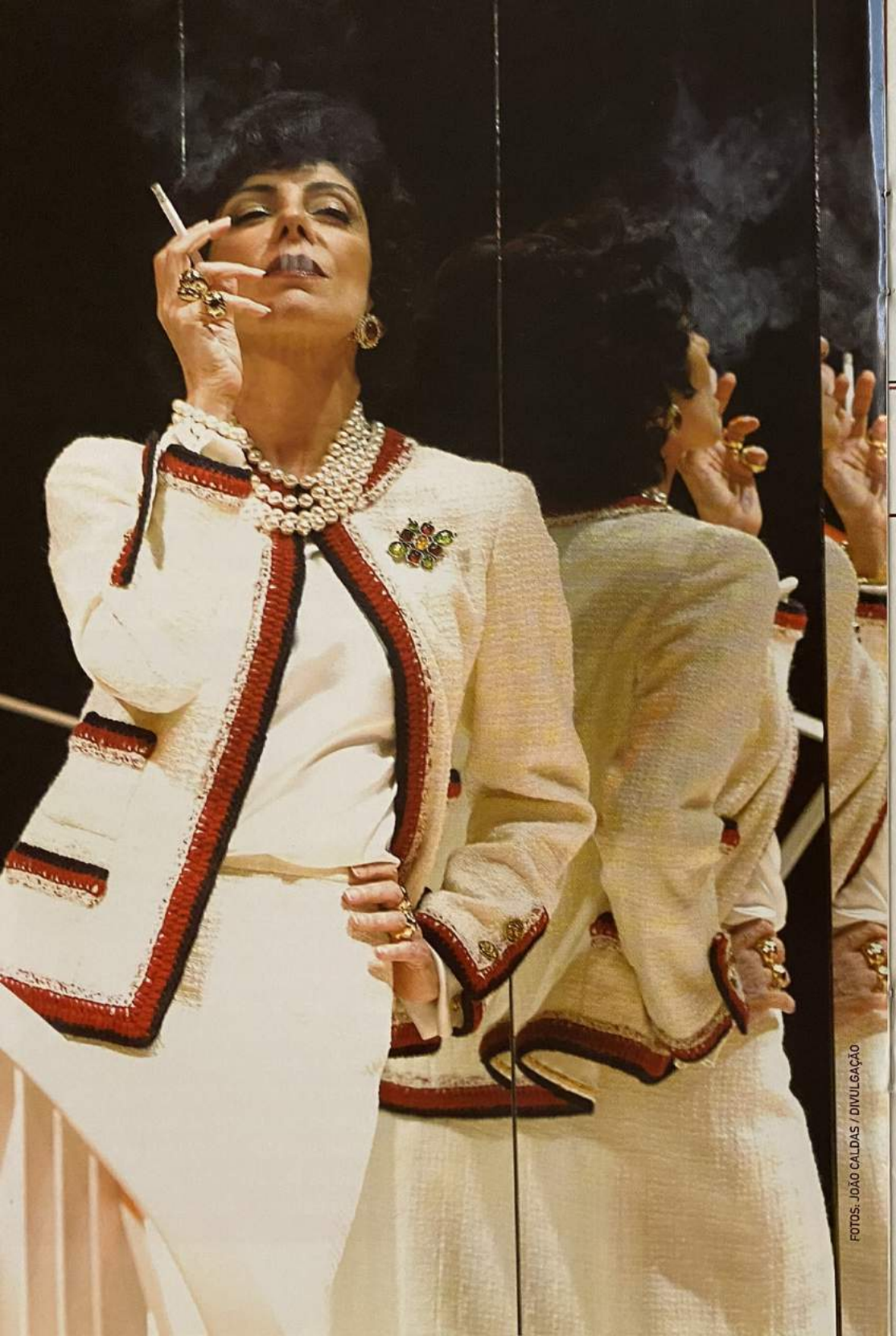
E a realidade da peça é a seguinte: seis amigos, que lutaram juntos há quase 40 anos contra a ditadura, recebem uma proposta tentadora que resolveria a situação financeira de cada um. Para tanto, eles têm de participar de um comercial exaltando as façanhas do atual governo brasileiro. Diante de uma oferta destas, o que deve pesar mais? As ideologias e convicções ou a conta bancária?

"A corrupção começa em casa. O ser humano é corrompido pelo pai e pela mãe, quando dizem ´acaba de comer que te dou um sorvete´, ´estuda que você vai ganhar um presente de Natal´. A gente é tentado várias vezes e, às vezes, é corrompido sem saber. As pessoas estão conjugando mais o verbo ter do que ser, querem o imediato e vencer a qualquer preço. Aí, metem os pés peças mãos", afirma o dramaturgo. "A peça é atemporal e serve para qualquer povo ou país, porque a corrupção e a impunidade são produtos deste mundo maluco em que estamos vivendo. O meu desejo, enquanto ator e produtor deste espetáculo, é que ele continue muito tempo em cartaz. O de cidadão é que ele saia imediatamente"

Tela Grande

Em 79, quando estava numa situação financeira bem próxima a dos personagens da peça - desempregado há cinco meses e com dois filhos pequenos para criar – Marcos Caruso comprou uma máquina de escrever a prestações e em três dias e escreveu a peça "Trair e coçar é só começar". Depois de seis anos dormindo na gaveta, a peça está há mais de 20 a nos em cartaz em cartaz – incluída, inclusive, no "Guiness Book", como a mais longa temporada ininterrupta do teatro brasileiro. A partir de 25 de agosto, estréia em sua versão cinematográfica em todo o país. Com adaptação do próprio autor, juntamente com Jandira Martini, o filme tem a direção de Moacyr Góes e traz no elenco Adriana Esteves e Cássio Gabus Mendes.

FOTOS: JOÃO CALDAS / DIVULGAÇÃO



FOTOS: JOÃO CALDAS / DIVULGAÇÃO

Mademoiselle Chanel

Marília Pêra leva ao palco o estilo, a elegância e o humor do maior ícone que a moda já teve

Por Simone Melamed

Ela era revolucionária, avassaladora, sarcástica e sedutora. Mas, acima de tudo, era – e ainda é – um ícone da elegância feminina em todo o mundo. Basta dar uma olhada rápida na moda atual para se reconhecer a digital da estilista: do pretinho básico às bolsas com alças, sem esquecer do seu famoso *tailleur*. Com um currículo destes, já era de se esperar que sua vida ganhasse os palcos, como acontece agora com a peça *Mademoiselle Chanel*, em cartaz no Teatro Maison de France. No papel do mito, uma diva dos palcos nacionais: Marília Pêra.

"A peça foi escrita pela Maria Adelaide Amaral para a Cleide Yáconis, mas, por motivos pessoais, ela não pôde fazer. Naquela época, o Jorge Takla (diretor) pensou em encena-la com a Tônia Carrero, que também não pôde, e ainda com a Beatriz Segall, Tereza Raquel, Irene Ravache e Fernanda Montenegro. Passou por umas dez atrizes, mas ninguém fez. Há dois anos, o Marcos Montenegro (produtor) me perguntou o que tinha sido feito da peça e, no dia seguinte, me ligou dizendo que o texto estava solto. Ninguém jamais imaginou que uma peça que ficou engavetada dezesseis anos se transformaria num triunfo desses", conta Marília que, antes de chegar ao Rio, foi aplaudida por mais de 200 mil espectadores entre São Paulo, Lisboa e Paris. >>

Com o aval da Maison

Detentora dos direitos de imagem da estilista, a Maison Chanel só havia autorizado que sua vida fosse levada ao tablado na década de setenta, quando a própria Mademoiselle permitiu que Katherine Hepburn a interpretasse na Broadway, no musical "Coco". Foi a perseverança do diretor e produtor Jorge Takla que fez as portas se abrirem, além de arregimentar um importante cúmplice para a montagem: Karl Lagerfeld, diretor da casa desde 1983, responsável pelos 16 figurinos usados em cena.

A mulher atrás do mito

Para recriar a trajetória da Mademoiselle, o espetáculo transcorre em seu badalado estúdio da Rue Cambon, onde, aos 88 anos, a estilista encara a velhice e a solidão frente a frente, fazendo um balanço de sua história: da infância pobre até a criação de seu grande império *fashion*, além dos seus grandes amores e até dos tempos em que foi obrigada a se prostituir para sobreviver. Vestida com o *tailleur* branco com debruado preto e vermelho, uma das mais conhecidas criações da francesa, e com um cigarro sempre posicionado entre os dedos, Marília Pêra fala sem parar durante os 75 minutos da peça, assim como costumava fazer a própria homenageada.

"Chanel sempre foi consciente da sua importância e do seu lugar no mundo. Procurei encontrar a mulher por trás do mito. Entendo porque ela era vista como arrogante. Saiu de um orfanato, trabalhava em uma loja de costura durante o dia e se prostituía à noite. Quase perdeu a vida muitas vezes, mas só morreu aos 88 anos, no auge. Sua altivez era típica de quem vence e não deve nada a ninguém", diz a autora, que imaginou um legítimo desfile de criações da estilista – apresentado por duas atrizes que interpretam modelos da casa – para pontuar suas lembranças.

"Ela era muito forte, enérgica, foi até o final trabalhando. Ela se picava com morfina, tomava anfetamina e era um touro. Uma lutadora mesmo. Egocêntrica, cheia de amargor, mas também espirituosíssima, dotada de um humor que destruía reputações com apenas uma palavra. Trabalhei muito em cima do desenho do corpo, tentei acompanhar os movimentos, mas sobretudo quis entender a alma da personagem para que a composição não fosse apenas uma coreografia da elegância", afirma Marília. Na temporada paulistana, ela angariou três prêmios por esta interpretação: *Shell*, *APCA* e *Qualidade Brasil*.

Temporada além-mar

No ano passado, durante a realização do Ano do Brasil na França, o espetáculo foi apresentado por duas semanas no Théâtre des Champs-Elysées, em Paris. As críticas respeitáveis coroaram o arrojo em representar um símbolo do país a partir de uma visão estrangeira. "Paris reservou uma ovação de pé para a emocionante interpretação de Marília Pêra", registrou o diário "Le Monde". "Sua tarefa parecia impossível, mas o milagre se deu: Marília Pêra era Coco Chanel", destacou a crítica do semanário "Télérama".

A força do destino

Centro Cultural Telemar apresenta adaptação inédita da obra de Nélida Piñon

FOTO: DALTON VALÉRIO / DIVULGAÇÃO

O primeiro capítulo da peça *A força do destino*, em cartaz no Centro Cultural Telemar, aconteceu há mais de um ano, quando os fundadores da companhia *Quem são esses caras?* – Henrique Tavares, Carla Faour e Antonio Fragoso – procuraram a imortal Nélida Piñon com a intenção de fazer uma adaptação teatral de um de seus romances. O texto ganha a cena abrindo as cortinas para as comemorações dos dez anos do grupo.

"Gostei da companhia de imediato, admirei o amor que ostentavam pelo mundo do teatro, pelo palco que tanto influenciou a minha infância e a minha visão estética. Quando menina, eu julgava que toda a ação humana podia e merecia ser protagonizada no palco. Isto é, o palco era o território mágico capaz de referendar os feitos e a complexidade humana", observa a escritora que, entre tantos feitos, foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras.

O livro homônimo de Nélida, escrito em 1978, faz uma paródia à ópera *La Forza Del Destino*, do italiano Giuseppe Verdi, brincando com os rigores dramáticos do gênero a ponto de, pela única vez em sua obra, ela mesma se incluir como personagem. Assim, num apartamento da zona sul carioca, convivem, na mais perfeita harmonia, a criadora e suas criaturas, figuras oriundas da Itália do século dezoito. Enquanto conta a sua história e, ao mesmo tempo, reflete sobre suas decisões narrativas, ela vai dialogando com os personagens que ouvem seus palpites, mas também não se furtam a emitir opiniões.

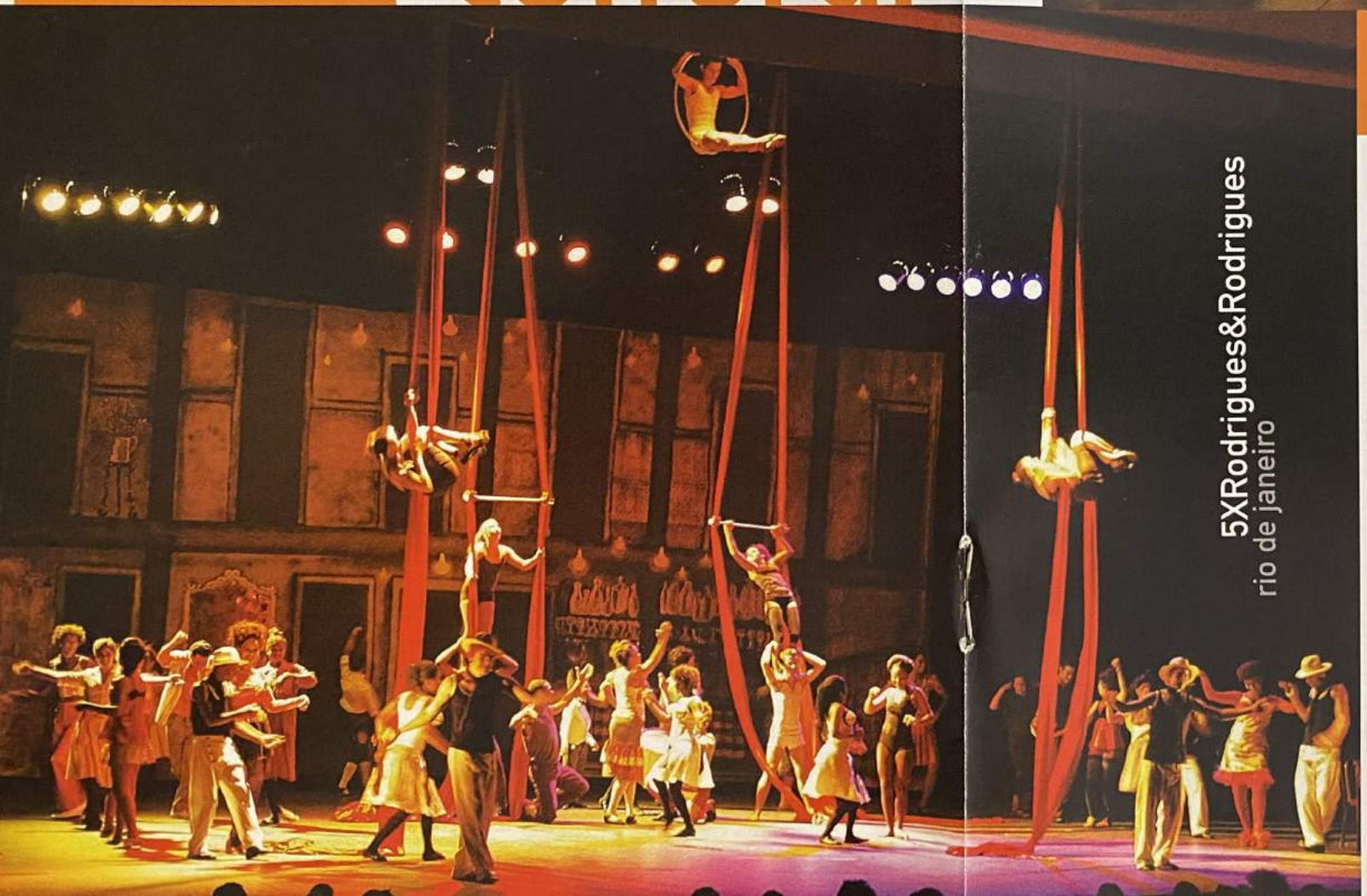
Entre realidade e ficção, o que se vê em cena é o desajeitado relacionamento entre Leonora, a filha de um rico marquês, e Álvaro, um nobre de poucas posses. Contrariando os desejos do pai da donzela, o casal planeja fugir, só que no meio do caminho o marquês, acidentalmente, é baleado pelo pretendente da filha e acaba falecendo. Perseguida pelo irmão, Leonora é acolhida num convento, transformando-se em nada menos do que o objeto de desejo do abade local.

"Esta peça foi um encontro de desejos. A Nélida sempre imaginou o romance adaptado para o teatro e nós achamos que o texto tinha tudo a ver com o nosso trabalho, contemporâneo e de transgressão. As nossas peças têm um link com algo real, não é uma coincidência. A gente quer fazer um teatro mais vivo, palpitante, com o qual as pessoas se identifiquem ou identifiquem referências da vida delas", explica Tavares, diretor da companhia.

Mercadão cultural

Cia. Aplauso de Teatro abre festival dedicado a novos talentos

Por Simone Melamed



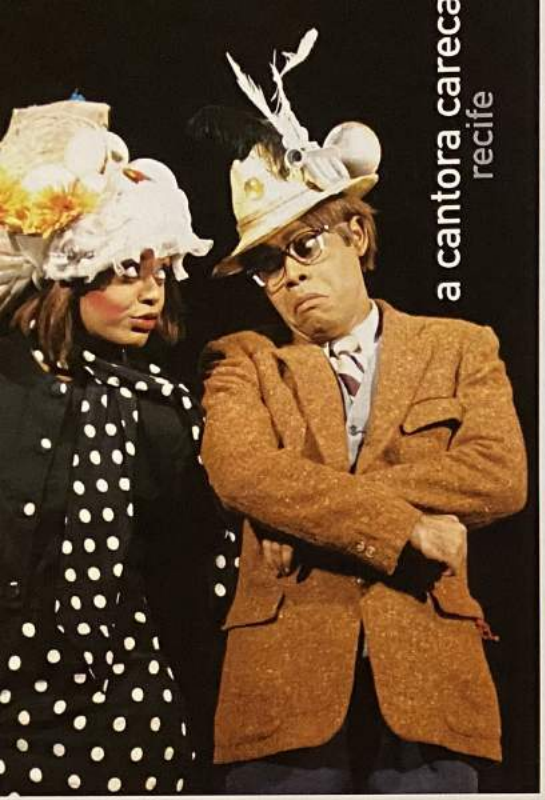
5XRodrigues&Rodrigues
rio de janeiro

Você me conhece
salvador

Os números são superlativos, mas mostram com fidelidade um rápido perfil do *Mercadão Cultural - I Circuito Brasileiro de Esquetes e Performances*, o festival de artes cênicas que ocupa o Teatro Carlos Gomes, na Praça Tiradentes, do dia 29 de agosto até 3 de setembro. São 108 grupos de teatro de todo o Brasil, trazendo 700 profissionais – entre diretores, produtores, técnicos e artistas – para se apresentar a um público esperado de 1200 pessoas por dia, concorrendo a uma premiação de 50 mil reais, divida em 12 categorias.

Idealizado pelas atrizes e produtoras Gabriela Saboya e Tatynne Lauria, o festival – que surgiu, há seis anos, para divulgar as novas gerações e promover um intercâmbio no meio teatral – volta repleto de novidades, como a abertura para participantes de todo o Brasil. De maio a julho deste ano, a dupla percorreu seis capitais à procura de novos talentos, promovendo semifinais de onde saíram os selecionados que estarão se apresentando na maratona cultural carioca.

"No eixo Rio-São Paulo, os artistas têm a televisão, o cinema e a publicidade, além do teatro. Nas outras cidades, eles só têm o teatro. Em Salvador, por exemplo, os artistas reclamam muito que não há espaço



a cantora careca
recife

Pontapé inicial

Além de estar em cartaz com a badalada peça "Os Suburbanos", no Teatro dos Grandes Atores, Thalita Carauta é a simpática assessora para assuntos domésticos da personagem de Regina Duarte na novela "Páginas da Vida". Mas bem antes de ser conhecida do grande público foi a consagração no último festival de esquetes, como melhor atriz, que abriu novas portas para ela. Na época, o diretor Moacir Chaves era um dos jurados do circuito e acabou oferecendo uma oportunidade no Teatro Maria Clara Machado, para que a pequena cena ganhasse os grandes palcos.

milho aos pombos
belo horizonte

Agenda diversificada

O Teatro Carlos Gomes vai se transformar num grande mercadão popular, durante a semana do I Circuito Brasileiro de Esquetes e Performances.
De um lado, o fotógrafo Guilherme Vidal estará expondo flagrantes dos artistas que participaram da pré-seleção nas capitais percorridas pelo projeto. Em outro ponto, chamado de Pavilhão Cênico, acontecerão as apresentações dos esquetes da mostra competitiva e amadora. No Território Livre serão realizadas a mostra infantil e as performances, além das cenas de stand up comedies. Diariamente, os encontros serão encerrados na Esquina Musical, com muita música brasileira.

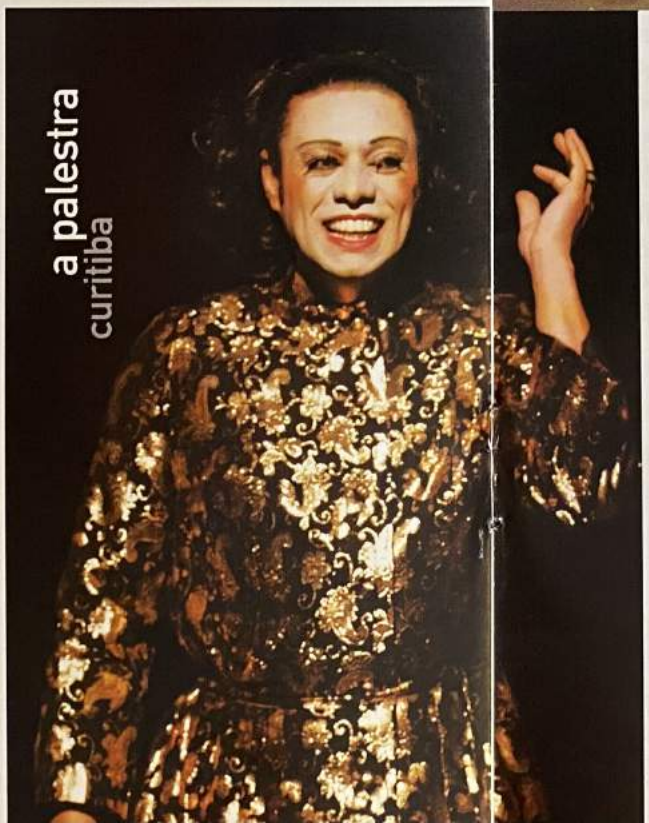
FOTOS: DIVULGAÇÃO

>> para mostrar a cultura local, que as temporadas são muito curtas e os teatros afastados. Eles viram no festival uma oportunidade para mostrar o trabalho que fazem. Quando fomos para o Sul, encontramos uma cena cultural forte e competitiva. As pessoas queriam ganhar as semifinais e vir para o Rio. Como as mostras nas cidades não foram separadas por categorias e uniam linguagens diferentes, para trazer um vencedor nós escolhemos o trabalho mais bem acabado, que se completasse em tudo", explica Tatynne, lembrando que, das 624 inscrições deste ano, 201 foram de artistas espalhados pelo País.

Capital do humor

Na grande final do Carlos Gomes, os concorrentes se apresentam em cinco mostras competitivas de cenas curtas de teatro: esquete profissional, esquete amador, performance, teatro infantil e *stand up comedy*. "As pessoas perguntam se é um festival de comédia ou de teatro. Setenta por cento das cenas são de humor, dentro de várias correntes diferentes, como melodrama, humor escrachado, monólogos. E se a maioria é de humor, a final acaba sendo assim. O Rio é a capital brasileira do humor", acrescenta Tatynne.

Coerentes com a política adotada de difusão e descentralização das artes cênicas, as sócias escolheram os jovens da *Cia. Aplauso de Teatro* para dar o pontapé inicial aos trabalhos no Rio. "O Mercadão é uma vitrine para todos, desde os mais experientes aos novatos e estudantes. Os projetos sociais cresceram muito e vêm se apresentando como uma nova tendência. São trabalhos sócio-culturais, com um valor artístico muito grande. Eles estão cada vez mais profissionalizados, concorrendo de igual para igual. Isto tem que ser mostrado. A *Cia. Aplauso de Teatro*, dirigida pela Cininha de Paula, vai abrir o palco principal. Em seguida, serão apresentados esquetes amadores e depois os profissionais", conta Gabriela.



a palestra
curitiba

A BOLHA

Três histórias curtas que contam a dificuldade de convivência. Texto e direção: João Batista. Com Cleiton Rasga, Giselda Mauler e Sonia Praça. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30. A partir de 1º de setembro.

A FORÇA DO DESTINO

Baseado no romance homônimo de Nélida Piñon, que faz uma paródia à ópera de Verdi. Adaptação: Carla Faour. Direção: Henrique Tavares. Com a *Cia Quem são esses caras?*. **Centro Cultural Telemar** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-1227. Sexta a domingo, 19h30. R$ 10.

AMIGAS PARA SEMPRE

Ironia, cinismo e confidências despudoradas são os ingredientes desta comédia que fala sobre o relacionamento entre duas amigas de infância. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção: Rogério Fabiano. Com Íris Bruzzi, Carmen Verônica e Roberto Lopes. **Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 19h. Domingo, 18h. Quinta e sexta, R$ 40. Sábado e domingo, R$ 50.

ANTÔNIO MARIA – A NOITE É UMA CRIANÇA!

Considerado um dos melhores espetáculos de 2004, o musical volta a cartaz mostrando vida e obra do autor de *Manhã de Carnaval*. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Alexandre Dantas, Claudia Ventura e Marcos França. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Terça e quarta, 20h. R$ 20.

ARTORQUATO

Espetáculo multimídia sobre Torquato Neto, um dos fundadores do Tropicalismo. Dramaturgia e direção: Antonio Quinet. Com Gilberto Gawronski, Rodolfo Bottino e Gisela de Castro. **Centro Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí 20, Centro). Fone: 3286-8620. De quinta a domingo, 19h. R$ 20.

CAUBY! CAUBY!

O musical faz uma homenagem a um dos ícones da música brasileira. Texto: Flávio Marinho. Direção: Diogo Vilela e Flávio Marinho. Com Diogo Vilela, Carlos Gregório e Sylvia Massari. **Teatro SESC Ginástico** (Rua Graça Aranha 187, Centro). Fone: 2279-4027. Quinta a domingo, 19h30. Quinta, R$20. Sexta a domingo, R$ 25.

CRUZES, FESTA SURPRESA

Dois casais vêem suas vidas darem uma reviravolta durante uma festa surpresa. Texto: De Carlos Artur Thiré e Eduardo Albergaria. Direção: Carlos Artur Thiré. Com Isabela Garcia, Georgiana Góes, Edgard Amorim e Júlio Levy. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a domingo, 19h30. Quinta, R$ 30. Sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

CURTAS

Esquetes satirizam a tudo e a todos: da milionária recém-operada à adolescente inconformada, passando por um lutador de jiu-jitsu. Texto: Samantha Schmutz, André Frazzi e Gustavo Damasceno. Direção: Leandro Hassum. Com Samantha Schmutz. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Sábado e domingo, 20h. R$ 35.

LAVANDERIA BRASIL

Comédia sobre um casal em dificuldades financeiras. Texto: Miguel Paiva e Zé Rodrix. Direção: Moacir Chaves. Com Paula Burlamaqui, Felipe Camargo, Marcos Breda e Marília Medina. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555 - Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 30. Sexta e domingo, R$ 35. Sábado, R$ 40.

LÍNGUAS ESTRANHAS

Thriller psicológico em que duas histórias, aparentemente, diferentes se unem numa rede de coincidências que levam a um desfecho surpreendente. Texto: Andrew Bovell. Direção: Bruce Gomlevsky e Daniela Pereira de Carvalho. Com. Julia Carrera, Tereza Fournier, Otto Jr. e Bruce Gomlevsky. Local: **Espaço SESC/Sala Multiuso** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Sexta a domingo. A partir de 1º de setembro.

LOUKUT

Comédia interativa que retrata valores e comportamentos de um site de relacionamentos da Internet. Texto: Mareliz Rodrigues. Direção: Cláudio Galvan. Com Mareliz Rodrigues, Carol Nassif, Édio Nunes e Cláudio Galvan. **Centro Cultural Suassuna** (Av. das Américas, 2603, Barra). Fone: 2439-8002. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$ 20. Até 3 de setembro.

MADEMOISELLE CHANEL

Marília Pêra personifica a estilista que dá nome ao espetáculo, fazendo um balanço da vida daquela que revolucionou a moda do século 20. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção: Jorge Takla. Com Marília Pêra. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544.2533. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h.R$ 100.

MILLÔR IMPOSSÍVEL

O inconfundível humor de Millôr Fernandes é o protagonista deste espetáculo, em forma de recital. Texto: Millôr Fernandes. Concepção e direção: Eduardo Wotzik. Com Cristiana Oliveira, Henrique Pagnoncelli e Eduardo Wotzik. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h15. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R$ 20. Sábado e domingo, R$ 25.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Sozinha em cena, a personagem Dona Hermínia sintetiza, com muito humor, a alma das mulheres de meia idade, aposentadas e sozinhas, cuja maior preocupação é procurar o que fazer. Texto e interpretação: Paulo Gustavo. Direção: João Fonseca. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

NHOQUE EM TEMPOS DE CRISE

A comédia, ambientada em típica cantina italiana, conta a história de quatro amigos que resolvem fazer um balanço de suas vidas. Texto: Vitor Hugo Marques. Direção: Dinho Valladares. Com a Cia. de Teatro Contemporâneo. **Sede da Cia. de Teatro Contemporâneo** (Rua Conde de Irajá, 253 - Botafogo). Fone: 2537-5204. Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. A partir de 2 de setembro.

NÓS NA FITA

Esquetes bem-humorados em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Quinta a domingo, 21h30. Quinta, sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 50.

O AUTOFALANTE

Homem desempregado sofre uma crise de comunicação com o mundo e passa a falar sozinho com sua personalidade repartindo-se em milhares dele mesmo. Texto, direção e atuação: Pedro Cardoso. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R$ 40. Sexta e domingo, R$ 45. Sábado, R$ 50.

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO

Em homenagem aos 50 anos da morte de Brecht, a montagem tem como pano de fundo a discussão sobre a disputa de terras. Texto: Bertolt Brecht. Direção: Sérgio de Carvalho. Com a *Companhia do Latão*. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10.

O PERFEITO COZINHEIRO DAS ALMAS DESTE MUNDO

Inspirado na obra homônima de Oswald de Andrade, a peça inicia com a tumultuada história de amor entre o escritor e uma normalista. Dramaturgia: Nina Crintz. Direção: Jefferson Miranda. Com Luiza Mariani, Diogo Salles, Mateus Solano e Thiare Maia. **Escola de Cinema Darcy Ribeiro** (Rua da Alfândega, 5, 3º andar, Centro). Fone: 2516-9972. Quinta e sexta, 19h30. Sábado e domingo, 19h. R$ 20.

O PÚCARO BÚLGARO

O texto de Campos de Carvalho é levado aos palcos por inteiro, no gênero chamado de romance-em-cena. Texto: Campos de Carvalho. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Augusto Madeira, Candido Damm, Gil Coutinho. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R$ 20. Sábado e domingo, R$ 30. Poleiro: R$ 10 (quinta e sexta) e R$ 15 (sábado e domingo).

OS HOMENS SÃO DE MARTE ... E É PRA LÁ QUE EU VOU

Fernanda, jornalista solteira, relata seus conflitos e dilemas na busca de um grande amor. Texto e atuação: Mônica Martelli. Direção: Victor Garcia Peralta. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 35. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 45.

OS MONÓLOGOS DA VAGINA

Depois de ser assistida por mais de 800 mil pessoas, em todo o Brasil, a peça volta aos palcos cariocas com um divertido mosaico sobre a sexualidade feminina. Texto: Eve Ensler. Adaptação e direção: Miguel Falabella. Com Tânia Alves, Fafy Siqueira e Vera Setta. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 30. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 45.

OLGA BENARIO – UM BREVE FUTURO

A história da famosa comunista alemã é contada a partir de cartas e documentos. Dramaturgia e direção: Luiz Fernando Lobo. Com a *Companhia Ensaio Aberto*. **Espaço Caixa Cultural – Teatro de Arena** (Av. Almirante Barroso, 25- Centro). Fone: 2262-8152. Quarta a domingo, 19h. R$ 15. Até 10 de setembro.

OPERAÇÃO ABAFA

A falta de ética no cenário político brasileiro serve de inspiração à história de seis amigos que recebem uma proposta milionária para participar de um projeto controverso. Texto: Marcos Caruso e Jandira Martini. Direção: Elias Andreato. Com Marcos Caruso e Jandira Martini. **Teatro Leblon / Sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 18h. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 50.

PAREM DE FALAR MAL DA ROTINA

Espetáculo interativo que leva a uma divertida reflexão sobre o cotidiano e a rotina. Roteiro, direção e atuação: Elisa Lucinda. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563 4163. Sábado e domingo, 19h. R$ 20.

PORCELANA FINA

Vendedor tenta negociar sua produção de penicos e a esposa só pensa na suposta prisão de ventre do filho. Texto: George Feydeau. Direção: Antonio

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Pedro Borges. Com Vera Fischer e Perry Salles. **Teatro Leblon / Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. Quinta, R$ 40. Sexta e domingo, R$ 50. Sábado, R$ 60.

QUE HISTÓRIA ESPERA O SEU FIM LÁ EMBAIXO

A peça expõe as relações entre moradores de um edifício, com suas visões bem pessoais sobre um acidente ocorrido nas dependências do prédio. Texto e direção: Rodrigo Portella. Com o *Grupo Quantum*. **Teatro Miguel Falabella** (Av. D. Helder Câmara, 5.332, NorteShopping). Fone: 2595-8245. Terça e quarta, 20h. R$ 20.

QUINTANA E OUTROS GAÚCHOS

No centenário de Mário Quintana, o espetáculo reúne textos do poeta gaúcho e de seus conterrâneos Érico Veríssimo e Luis Fernando Veríssimo. Roteiro: Maria Pompeu. Supervisão: Lauro Góes. Com o *Grupo Repertório*. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563 4163. Segunda, 19h. R$ 20.

RÁDIO NACIONAL – AS ONDAS QUE CONQUISTARAM O BRASIL

Com a supervisão de Bibi Ferreira, musical faz homenagem à época de ouro da Rádio Nacional. Texto: Fátima Valença. Direção: Fábio Pillar. Com Cláudia Vigonne, Fábio Pillar e Sylvia Bandeira. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R$ 40. Sábado e domingo, R$ 50.

TERAPIA DO RISO

Atores entram em cena trazendo em malas vários personagens que vão "vestindo" ao longo da peça. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Sexta, 19h. Sábado, 23h. Domingo, 21h30.

TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA

A peça gira em torno de um insólito casal: Herculano, um viúvo conservador, e a atraente prostituta Geni, por quem ele se apaixona. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Paulo de Moraes. Com a Cia. Armazém de Teatro. **Teatro Leblon / Sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quarta e quinta, 21h. R$ 35. Até 7 de setembro.

TODO AMOR QUE HOUVER NESSA VIDA

O espetáculo aborda tipos de preconceito, instigando a platéia a repensar os seus próprios conceitos. Texto: Rogério Garcia. Direção: Júlio Rosemberg. Com: Leandro Thassi e Rogério Garcia. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824 – Ipanema). Fone: 2523-9794. Sexta e sábado, meia-noite. R$ 20.

depois do teatro

A peça termina, as cortinas se fecham, mas o programa continua

Cláudia E.

Camarões picantes

Ao sair da peça *Madame Chanel*, no Teatro Maison de France, e ainda sob o impacto da beleza e da inacreditável interpretação da Marília Pêra, vá tomar uma flute de champagne no **Mr. LAM**, recém-inaugurado na Lagoa. A cozinha é chinesa , característica de Pequim. O delicioso pato laqueado você localiza " nas coisas do céu", no cardápio.Caso prefira "coisas do mar", peça os camarões picantes. A carta de vinhos é bastante variada e talvez você pense estar em Paris – pois, se fizer as contas, é um custo parisiense. Mas, acredite, vale a pena.

Rua Maria Angélica, nº 21, Lagoa, fone: 2286.6661

Tartelettes de frutas

Um ótimo lugar para discutir a obra de Campos de Carvalho, depois de assistir *O Púcaro Búlgaro*, no Teatro Poeira, é no **Garcia e Rodrigues**, um restaurante-bar muito simpático no Leblon, comendo tartelettes de frutas. Acompanhe-as com um chocolate quente. Ou com uma taça de vinho branco alsaciano, que vai muito bem com frutas.

Avenida Ataulfo de Paiva, nº 1251, Leblon, fone: 3206-4120

Margherita light

Após assistir *Operação Abafa*, no Teatro do Leblon, vá à badalada pizzaria **Capricciosa** e peça, para começar, um shitake no papel laminado acompanhado de mussarela de búfala fresca. Como você se sentirá "gastronomicamente correto", depois poderá pedir, sem muita culpa, uma pizza margherita light. Acompanhe com um bom tinto italiano.

Rua Vinicius de Moraes, nº 134, Ipanema, fone: 2523-3394

Artorquato

Em cena, a vida do poético, debochado e contundente Torquato Neto

Por Simone Melamed

FOTO: RICARDO MALTA / DIVULGAÇÃO

Depois de encarnar o ícone da pop art em *Pop by Gawronski* e personificar o rei do rock em *Santo Elvis*, Gilberto Gawronski tem um novo encontro com mais um personagem da vida real: o tropicalista Torquato Neto. Com dramaturgia e direção do psicanalista Antonio Quinet, o espetáculo multimídia *Artorquato*, em cartaz no Centro Cultural Correios, faz um apanhado sobre a vida e a obra do poeta que defendia, sem concessões, as manifestações artísticas de vanguarda.

"Há momentos em que os personagens te escolhem. E houve uma hora em que eu me senti escolhido para fazer Torquato, ser o veículo para a poesia dele. O Torquato é aquele artista completamente inserido no momento político e social. A peça faz um resgate histórico, mas é a poesia dele que se mantém mais viva do que propriamente a história", conta o ator.

Com textos, na íntegra, da obra de Torquato, a estrutura da peça é montada em cima de correlações entre o inconsciente do artista e a sociedade em que viveu, nos anos de chumbo do país, acompanhando sua trajetória desde a mudança de Teresina para o Rio de Janeiro, até o prematuro fim, aos 28 anos, quando o chamado "anjo torto da Tropicália", cometeu suicídio. "O Antonio tem um olhar que aponta o suicídio como opção já desde o início da produção poética do Torquato. A morte como uma arma, a morte ao alcance da mão dele. Era o poder que ele tinha naquele momento", diz Gawronski.

Discutindo a arte

Durante toda a temporada da peça, que fica em cartaz até 1º de outubro, haverá diversas palestras e debates sobre temas como Tropicalismo, a obra de Torquato Neto e Arte e Loucura. Entre psicanalistas, historiadores, críticos de arte e artistas fundadores do movimento tropicalista, já estão confirmadas as presenças dos cineastas Ivan Cardoso e Luis Carlos Lacerda, além do jornalista Paulo Roberto Pires e de Jards Macalé.

Panis et Circensis

Em maio de 1968, os fundadores do movimento tropicalista gravaram "Tropicália ou Panis et Circensis", álbum coletivo com cunho de manifesto, que traçava um retrato figurado do país e seus contrastes. O projeto encabeçado por Caetano Veloso – responsável, também, pela seleção do repertório – traz duas músicas de Torquato Neto: "Mamãe Coragem" e "Geléia Geral".

No percurso rumo a seu destino trágico, o poeta inconformado, provocador e passional deixou grandes contribuições à cultura brasileira, sendo um dos pilares – juntamente com Caetano Veloso e Gilberto Gil – do Tropicalismo que, mais do que um estilo musical, representou uma resposta artística e crítica à cena brasileira da época, na qual, como dizia a letra da música *Panis et Circensis*, as pessoas, na sala de jantar, estavam ocupadas em nascer e morrer.

"O mais difícil foi trazer para dentro do contexto dramático a poesia dele. E o mais gratificante é entrar em contato sem ter medo de dramatizar o verso. Se é cafona, nos caracteriza como tropicalistas. Talvez a grande cafonice nossa seja não ser o que se é. Modernidade não pode ser somente a Pina Bausch (coreógrafa alemã) e o Bob Wilson (diretor de teatro americano)", cutuca o ator, que divide o palco com Cristina Aché, Rodolfo Bottino, Gisela de Castro, Gean Queiroz e Miguel Campello.

Bilhete de despedida "Tenho saudade, como os cariocas, do dia em que sentia e achava que era dia de cego. De modo que fico sossegado por aqui mesmo, enquanto durar. Pra mim, chega! Não sacudam demais o Thiago, que ele pode acordar".

Olga Benário
Um breve futuro

Espetáculo multimídia, em cartaz no Teatro de Arena do Espaço Caixa Cultural, resgata a história da companheira de Luiz Carlos Prestes

Nos últimos anos, a produção nacional do cinema documentário ganhou forças e continua em plena ascensão. Já no teatro, a história é bem diferente, mas as exceções existem e, no que depender da *Companhia Ensaio Aberto*, o chamado teatro-documento tem tudo para ganhar cada vez mais fôlego por aqui. Mais uma vez, o grupo lança mão de um texto não ficcional para, a partir de cartas e documentos, contar a sua história. Neste caso, a história da comunista alemã Olga Benario, a companheira de Luiz Carlos Prestes que deu ao mundo um exemplo de coragem e determinação.

"A companhia tem uma tradição de uma linha mais ou menos documental. É nossa tradição, também, tirar a poeira de algumas coisas importantes, mas pouco vistas e pouco estudadas, como a história da Olga, que faz parte de um momento rico da história brasileira", conta Luiz Fernando Lobo, diretor do espetáculo. "A gente decidiu fazer algo sobre ela antes do filme (*Olga*, de Jayme Monjardim), mas não quisemos lançar ao mesmo tempo, para não parecer oportunista. Acabamos aumentando nosso período de pesquisa, que

FOTOS: MAURO CURY / DIVULGAÇÃO

Trechos de cartas assinadas pela militante

"Lutei pelo bom, pelo justo e pelo melhor do mundo"

"Ainda sou capaz de distinguir entre o pouco significado do que diz respeito a uma pequena pessoa em particular e os acontecimentos que interessam em geral a todo o universo"

"Depois desta noite, quero viver para este breve futuro que ainda me resta. Preparar-me para a morte não significa que me renda, mas, sim, saber fazer-lhe frente quando ela chegue"

é uma característica da companhia. Partimos do princípio de que um processo rico resulta num espetáculo rico", comenta Lobo.

In loco

E o processo de ensaios foi mesmo rico e longo, com direito a seminários, debates e estudos – sobre temas como a Revolução Russa, o fascismo e, principalmente, o período histórico entre 1933 e 1945, além de aulas de esgrima, tiro e arco e flecha. Em busca da reconstrução da história, o diretor também fez viagens internacionais – juntamente com Tuca Moraes, que dá voz à protagonista – para pesquisar, in loco, documentos originais.

"Nós fomos à Alemanha duas vezes, em vários arquivos de filmes, fotografias e documentos escritos. Fomos à fonte original – e a dramaturgia foi totalmente feita a partir destes documentos. Acabamos descobrindo documentos novos, como a carta do primeiro namorado, Otto Braun, e um documento de uma sobrevivente contando sobre um plano de fuga da Olga e como ela organizava a resistência dentro do campo de concentração", relembra o diretor, sempre destacando o compromisso do grupo com a pesquisa de linguagens e um teatro crítico e politizado.

"Eu tenho um compartilhamento de visão de mundo com a Olga, uma pessoa que batalhava pela justiça e pela transformação da vida. Mas eu uso outras armas, como o meu trabalho com a companhia. O tempo inteiro, com tudo que passou, ela conseguiu olhar para o mundo e não para o próprio umbigo. Particularmente, a companhia vem trilhando um caminho militante, engajado. Não tem mentira ali, nós lidamos com cartas, fichas policiais, damos voz ao documento. E é tudo verdade, não foi um bom dramaturgo que escreveu. É fácil dizer que o público não quer ver isto, que não é entretenimento, mas o público está ávido para sair do teatro pensando e discutindo", sentencia Tuca.

Fernanda Montenegro e Sergio Britto em "A mulher de todos nós", 1966

Sem o apoio de vocês, não voaríamos tão longe...

STAR LIGHTING DIVISION

Lavanderia Flor de Copacabana

GATO PRETO

jacqueline ferté

EDITORA Abril

achē www.ache.com.br

POLIRON

jamef ENCOMENDAS URGENTES

Santa Edwiges

Areal Tossati

RAYONTEX FIOS E FIBRAS SINTÉTICAS

TRAMONTINA

Pedreira Carioca

O Galpão Aplauso agradece!

Unimed Rio

e

Eletrobrás

apresentam

RAUL GAZOLLA E LUCIANA BRAGA

UM CAMINHO PARA DOIS

DE FLAVIO MARINHO

Sex. e Dom. R$ 30,00
Sáb. R$ 40,00

Classificação etária 12

Teatro Abel - R. Mário Alves, nº2 - Icaraí / tel: 2195-9800
de 18 a 27 de agosto sex. e sáb.- 21hs e dom. 20hs

co-patrocínio

VARIG Brasil

Jamef

Promoção:

apoio cultural

multishow

Werner Incidos

CASA PINHO

CEMUSA